

Eleições estimulam vinda para Brasília

Centro de Apoio Social recebeu durante todo o ano passado 6.105 migrantes. Até junho, o albergue já abrigou 2 mil

Fernanda Lambach
de Brasília

Um ano de eleição, os responsáveis pelo funcionamento do Centro de Apoio Social (CAS) do Distrito Federal (DF) calculam que vão receber muito mais migrantes do que no ano passado. De janeiro a dezembro de 1997, 6.105 pessoas foram recebidas pela instituição. Em 1998, somente até este mês, mais de 2 mil pessoas já foram atendidas.

“Ainda existe a mentalidade da cultura do favor, a mentalidade de que político em campanha dá alguma coisa. Além disso, as pessoas acham que a esmola em Brasília é mais generosa que nos outros estados. Temos que acabar com esta visão”, afirma a presidente da Fundação do Serviço Social, Maria José Vieira Feres.

Para tentar resolver a questão, ela está reativando a campanha *Não dê Esmola, Dê Cidadania* com enfoque no que está chamando de abraço social. “Queremos que as pessoas ao invés de esmolas, liguem para o 1407 e digam no que podem ajudar, com que atividade social querem contribuir. A esmola só faz aumentar o problema da migração e da população de rua”, afirma a presidente.

O CAS funciona em Taguatinga Sul e é o único albergue de referência no DF. Tem capacidade para abrigar por dia até 450 migrantes, mas nos meses de abril e maio recebeu 530 e 615 pessoas, respectivamente. “A pressão aumentou muito por causa da seca do Nordeste e da fome”, conta a

diretora do CAS, Maria de Fátima Gomes Leitão.

O encaminhamento do migrante para o CAS é feito pelos centros de desenvolvimento social (CDS), principalmente os de Sobradinho e do Núcleo Bandeirante, por órgãos governamentais ou não-governamentais. Todo migrante recepcionado passa por uma triagem, onde informa os dados para a abertura de prontuário. Em seguida, é atendido por uma assistente social que procura conhecer as necessidades dele e o acompanha durante toda a estada no DF.

O tempo máximo para ficar no albergue é de 30 dias, sendo que a passagem de volta para a cidade de origem é garantida caso o migrante deseje voltar. Aqueles que chegam em Brasília para tratamento de saúde são atendidos pela assistente social e, em caso do médico pedir retorno dentro de alguns meses, recebem carta autorizando a volta para o alojamento.

Para acabar com a ociosidade e a violência dentro da instituição, a equipe de Fátima criou oficinas profissionalizantes de artesanato, cabeleireiro, manicura e pedicura. Os cursos são dados por migrantes que tem experiência em uma das áreas e estão alojados no CAS. “Em 1993 tivemos vários assassinatos aqui dentro. Chegamos a conclusão que tínhamos de ocupar as pessoas para evitar problemas”, diz a diretora.

Marinaldo Benedito da Silva, 30 anos, pernambucano de Caruaru, ensina, em duas semanas de aulas práticas, como fazer espanadores e vassouras de sisal. Também mostra como usar

o *nylon* para fazer espanadores mais coloridos. No Distrito Federal, ele vende o produto do trabalho por R\$ 3 e R\$ 4.

“Aqui as pessoas dão mais valor para o trabalho da gente. Lá em Caruaru tem muito mais gente fazendo a mesma coisa e o preço é muito mais baixo: R\$ 0,50”, declara o artesão. O dinheiro que ele consegue por aqui leva para Pernambuco, onde o pai tem uma pequena fábrica de espanadores. “Compramos uns 200 quilos de sisal e

começamos tudo de novo”, relata Marinaldo.

O pintor José Silva de Lima, 28 anos, veio de Santarém (PA) para Brasília com a companheira, Suzete Figueira da Silva. Tentou fazer tratamento no Hospital Sarah do Aparelho Locomotor, mas como não trouxe encaminhamento médico não conseguiu marcar consulta. “Tenho uma dor na perna que quase não agüento. Disseram que é reumatismo,

mas não estou acreditando porque não melhora.”

Lima está fazendo o curso de espanadores e assim que estiver dominando a técnica vai voltar para casa com a mulher. “Vamos esperar acabar o curso para marcar a passagem”, diz Fátima.

Segundo ela, o orçamento destinado pelo Governo do Distrito Federal para o CAS - este ano foi de R\$ 642.786 - tem sido suficiente tanto para a manutenção das instalações,

auxílio social, alimentação quanto para garantir os *kits* de higiene (sabonete, escova de dente, creme dental e sabão em barra para lavar a roupa) e as passagens de volta para as cidades de origem.

No albergue são feitas três refeições por dia: café da manhã, almoço e jantar. As crianças tem ainda direito a um lanche às 15h, o qual conta com a participação das mães. Normalmente é uma salada de frutas ou leite com farinha láctea.